

Novos estudos sobre o Holocausto

Historiografia, memória, gênero e ensino



Novos estudos sobre o Holocausto

Historiografia, memória, gênero e ensino

ORGS.

KARL SCHURSTER

CARLOS REISS

LUZILETE FALAVINHA



Recife, 2022

N945 Novos estudos sobre o Holocausto: historiografia, memória, gênero e ensino / Organizadores
Karl Schurster, Carlos Reiss, Luzilete Falavinha. – Recife, PE: Edupe, 2022.

438 p. : 15,5 x 23 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-518-4018-4

1. Holocausto judeu (1939-1945) – Historiografia. I. Schurster, Karl. II. Reiss, Carlos. III. Falavinha, Luzilete.

CDD 940.5315

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE

Reitor: Prof. Dr. Pedro Henrique de Barros Falcão

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria do Socorro de Mendonça Cavalcanti

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – EDUPE

Membros Internos:

Prof. Dr. Ademir Macedo do Nascimento

Prof. Dr. André Luis da Mota Vilela

Prof. Dr. Belmiro Cavalcanti do Egito Vasconcelos

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura

Profa. Dra. Danielle Christine Moura dos Santos

Profa. Dra. Emilia Rahnemay Kohlman Rabbani

Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho

Profa. Dra. Márcia Rejane Oliveira Barros

Carvalho Macedo

Profa. Dra. Maria Luciana de Almeida

Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos

Prof. Dr. Rodrigo Cappato de Araújo

Profa. Dra. Rosângela Estevão Alves Falcão

Profa. Dra. Sandra Simone Moraes de Araújo

Profa. Dra. Silvânia Núbia Chagas

Profa. Dra. Sinara Mônica Vitalino de Almeida

Profa. Dra. Virgínia Pereira da Silva de Ávila

Prof. Dr. Waldemar Brandão Neto

Membros Externos:

Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento - Universidade Tiradentes (Brasil)

Profa. Dra. Gabriela Alejandra Vasquez Leyton - Universidad Andres Bello (Chile)

Prof. Dr. Geovanni Gomes Cabral - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Brasil)

Profa. Dra. Gustavo Cunha de Araújo - Universidade Federal do Norte do Tocantins (Brasil)

Prof. Dr. José Zanca - Investigaciones Socio Históricas Regionales (Argentina)

Profa. Dra. Letícia Virgínia Leidens - Universidade Federal Fluminense (Brasil)

Prof. Dr. Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho - Instituto Federal da Bahia (Brasil)

Prof. Dr. Pedro Gil Frade Morouço - Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)

Prof. Dr. Rosuel Lima-Pereira - Universidade da Guiana - França Ultramarina (Guiana Francesa)

Profa. Dra. Verónica Emilia Roldán - Università Niccolò Cusano (Itália)

Prof. Dr. Sérgio Filipe Ribeiro Pinto - Universidade Católica Portuguesa (Portugal)

Gerente científico: Prof. Dr. Karl Schurster

Coordenador: Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura

Esta publicação resultado do contrato Maria Zambrano de Talento Internacional de la ayuda de Recualificación de las Universidades de España. Referencia del ayuda, financiado/a por MCIN/ AEI/ la orden UNI/551/2021 según proceda: “FEDER Una manera de hacer Europa” o por la “Unión Europea NextGenerationEU/PRTR”.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor e da Edupe.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Luís Alberto Marques Alves (CITCEM — FLUP)</i>	

INTRODUÇÃO	17
-------------------------	----

PARTE I — HISTORIOGRAFIA E NOVAS ABORDAGENS

“EDUCAÇÃO PARA CIDADANIA GLOBAL”: MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO E DIREITOS HUMANOS	31
<i>Maria de Fátima Reis (Universidade de Lisboa)</i>	

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUDOESTE AFRICANO: UMA ANÁLISE SOBRE O GENOCÍDIO DOS HEREROS	51
<i>Bianca Adamatti (Tennessee University)</i>	

MEMÓRIAS DOS BOMBARDEIOS DE DRESDEN	75
<i>Carlos José Bauer da Silva (UFF)</i>	

O HOLOCAUSTO NO JULGAMENTO DE NUREMBERG: MOBILIZANDO O EXTERMÍNIO NO TRIBUNAL	93
<i>Maria Visconti (UFMG)</i>	

MAUSCHWITZ — O ANTISSEMITISMO E O HOLOCAUSTO NA “GRAPHIC NOVEL” MAUSS — A HISTÓRIA DE UM SOBREVIVENTE	117
<i>Lucas Silva de Oliveira (UEM)</i>	

PARTE II — MEMÓRIAS

LITERATURA DE TESTEMUNHO E HOLOCAUSTO	147
<i>Patrícia dos Santos Müller & Ivânia Campigotto Aquino (UPF)</i>	

POR ENTRE OS FIOS DA MEMÓRIA: A LITERATURA DE PRIMO LEVI	163
<i>Helena Bressan Carminati (UFSC)</i>	
UM NÚMERO NO LAGER: NOTAS PARA UM ESTUDO SOCIOLÓGICO DAS MEMÓRIAS DA SHOAH	179
<i>Alecrides Jahne R. C. B. de Senna (UFRN)</i>	
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NOS MANUSCRITOS DE MARCEL NADJARY: DOS FORNOS CREMATÓRIOS À GRÉCIA	193
<i>Keilah Gerber & Marina Morteza (UFMG)</i>	
USOS Y NARRATIVAS DEL HOLOCAUSTO DESDE LA RECUPERACIÓN DEMOCRÁTICA EN ARGENTINA (1983-2019)	221
<i>Emmanuel Kahan</i>	

PARTE III — ESTUDOS DE GÊNERO

FOR WHO, LILI MARLENE? LIANA MILLU, GÊNERO E ESQUECIMENTO	267
<i>Heloíza Montenegro Barbosa (UFPE)</i>	
TRIÂNGULO ROSA: UNA APROXIMACIÓN AL NAZISMO DESDE LA PERSPECTIVE DE GÊNERO	285
<i>Claudio Román & Joel Kaplan</i>	
A MEMÓRIA DA PERSEGUIÇÃO AOS HOMOSSEXUAIS PELO REGIME NAZISTA ...	301
<i>Matheus Scandoleira Marques (PUCRS)</i>	

PARTE IV — ENSINO

O HOLOCAUSTO NAS REDES: ENSINAR, PESQUISAR E RECORDAR	315
<i>Anna Carolina Alves Viana (UFMG)</i>	
A TRANSMISSÃO DA SHOÁ POR IMAGENS: UMA BUSCA PELO SIMBÓLICO DO HORROR	339
<i>Carolina Bertin (UNICAMP)</i>	
O CONCEITO DE EMPATIA E SIGNIFICÂNCIA HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO	363
<i>Giovana Carvalho Martins (UEM)</i>	

FALSAS MEMÓRIAS EM TEMPOS EXTREMOS: AS AÇÕES DO MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA	381
<i>Helena Ragusa Granado (UEM)</i>	
A PRESENÇA DO HOLOCAUSTO NO PNEH E O ENFRENTAMENTO DA INDIFERENÇA POR MEIO DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	395
<i>Matheos de Almeida (UFPR)</i>	
LA SHOÁ-HOLOCAUSTO, LOS GENOCIDIOS DEL SIGLO XX Y LOS DERECHOS HUMANOS	415
<i>Yosi J. Goldstein (Universidad Hebrea de Jerusalem)</i>	
EPÍLOGO — UM JUDEU PODE TER SIDO O DELATOR DE ANNE FRANK: E DAÍ?	425
<i>Por Carlos Reiss</i>	
SOBRE OS AUTORES	433

PARTE III

ESTUDOS DE GÊNERO



FOR WHO, LILI MARLENE? LIANA MILLU, GÊNERO E ESQUECIMENTO

Heloiza Montenegro Barbosa (UFPE)

“Considerai se é isto um homem,
Que trabalha na lama
Que não conhece paz
Que luta por um naco de pão
Que morre por um sim ou por um não.
Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelos e sem nome
Sem mais força de recordar
Vazios os olhos e frio o ventre
Como uma rã no inverno.”

Shemá, Primo Levi

VOZES

Ao nos depararmos com narrativas escritas por mulheres, sobreviventes do Lager, somos frequentemente apresentados a um silêncio. É como se existisse um grande espaço vazio, uma falta. É essa falta que mobiliza, em 1983, a primeira conferência “Women Surviving: The Holocaust”, organizada pela pesquisadora Dr. Joan Miriam Ringelheim. O principal objetivo era afirmar a necessidade de estudos de gênero sobre o Holocausto: de acordo com Ringelheim, a história do Holocausto estava incompleta. Para isso, foram chamadas mulheres que sobreviveram, na

qual ali contaram suas histórias — em que “Four major issues came up repeatedly in the questions directed at survivors by panelists and participants: were women less or more vulnerable during the Holocaust because they were women? what survival strategies specific to women did they employ? what was the nature of women’s resistance’ and, what were relationships between and among women like?⁴⁸”.

Ainda de acordo com Ringelheim, em seu artigo “The Unethical and the Unspeakable: Women and the Holocaust” — escrito como resultado da conferência — “Current Holocaust literature focuses on the lives of men as written and perceived by men. It leads us to believe that everyone, whether young or old, male or female, rich or poor, merchant, peasant, professor, nurse, physician, teacher, mother or child, experienced the Holocaust in the same way⁴⁹”.

As perguntas que foram feitas nas conferências e as observações feitas por Ringelheim ainda são extremamente relevantes, pois ainda existe uma zona muito cinzenta e desconhecida sobre essas narrativas, dentro dessas narrativas — além de, claro, aquelas que nunca chegaram a serem escritas. Mulheres eram perseguidas por serem exatamente isso, mulheres. Essa era sua sina.

Mulheres, dentro da lógica nazista, eram observadas sob o recorte biológico — sendo essas mulheres arianas ou judias ou romani, por exemplo.

48. Quatro questões principais surgiram repetidamente nas perguntas dirigidas aos sobreviventes pelos palestrantes e participantes: as mulheres eram menos ou mais vulneráveis durante o Holocausto porque eram mulheres? Quais estratégias de sobrevivência específicas para mulheres eles empregaram? Qual era a natureza da resistência das mulheres e como eram as relações entre as mulheres? [Tradução da autora]. Disponível em: <https://www.jta.org/1983/03/29/archive/focus-on-issues-women-surviving-the-holocaust>. Acesso em: 10 jul. 2021.

49. A literatura atual sobre o Holocausto enfoca a vida dos homens conforme escrita e percebida por eles. Isso nos leva a crer que todos, sejam jovens ou velhos, homens ou mulheres, ricos ou pobres, mercadores, camponeses, professores, enfermeiros, médicos, professores, mães ou filhos, experimentaram o Holocausto da mesma forma [Tradução da autora]. Disponível em: <https://www.museumoftolerance.com/education/archives-and-reference-library/online-resources/simon-wiesenthal-center-annual-volume-1/annual-1-chapter-4.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Entre as mulheres arianas, era esperado que elas fossem as “mothers of the race” (WAXMAN, 2017, p. 9) — no papel de procriar, produzindo mais crianças arianas para a grande nação alemã, seguindo o princípio de *küche, kinder und kirche* (cozinha, crianças e igreja) (WAXMAN, 2017, p. 9). Mulheres judias (ou pertencentes a outras minorias atacadas pela política de extermínio nazista), por sua vez, eram isoladas da sociedade e foram perdendo o controle de seus corpos, ao serem consideradas impuras e, desse modo, produziam filhos igualmente impuros (WAXMAN, 2017, p. 11). Essa relação que diferenciava homens judeus e mulheres judias fica clara, por exemplo, quando Raul Hilberg descreve que homens e mulheres chegaram a ter punições diferentes pela SS:

Em 11 de julho, o Comandante do Centro de Regimento Policial transmitiu a seu batalhão uma ordem do Líder da Alta da SS e da Polícia para atirarem imediatamente em todo homem judeu entre 17 e 45 anos que fosse preso como “saqueador”. Três semanas depois, Himmler enviou uma “ordem explícita” (*ausdrücklicher Befehl*) para dois batalhões montados da SS, de que “todos os judeus” (*sämtliche Juden*) deviam ser mortos, com o adendo explanatório de que todas as mulheres judias fossem jogadas nos pântanos (HILBERG, 2016, 328).

Mulheres eram capazes de carregar em si o *futuro*, a capacidade reprodutiva era considerada *o inimigo*, sendo assim, elas eram duplamente perseguidas: “Reducing women to their biological functions — rape, pregnancy, childbirth, motherhood, and so on — the Nazis were specifically targeting Jewish women as a distinct biological and racial group” (WAXMAN, 2017, p. 9). Um bom exemplo disso, no prefácio de “Il fumo di Birkenau”, onde Primo Levi apresenta algumas das razões que ele considera a narrativa importante e, entre elas, como a situação feminina no Lager era ainda mais precária que a dos homens:

(...) all revolving around the specifically feminine aspects of the prisoners’ wretched and minimal lives. For a variety of reasons, the women’s situation was a good deal worse than that of the men: first, less physical

endurance, coupled with work more arduous and degrading than the labors imposed on the men; the agonies of disrupted families; and above all /the haunting presence of the crematoria, located right in the middle of the women's camp, inescapable, undeniable, their ungodly smoke rising from the chimneys to contaminate every day and every night, every moment of respite or illusion, every dream and timorous hope (LEVI apud MILLU, 2001, p. 7).⁵⁰

A conexão entre violência sexual e guerras já é bastante conhecida e documentada, sendo o estupro uma das táticas mais comuns em situações de genocídio, porém, “rape occurs during genocide not only as a systematic means of attack but also because it places its victims in physically vulnerable positions with limited or non-existent access to redress” (SINNREICH, 2015, p. 1). Ao contrário de muitas outras guerras, porém, o estupro de mulheres judias não era parte de uma política de genocídio, muito pelo contrário, pois qualquer tipo de envolvimento com judeus, homens e mulheres, era proibido pela política nazista: em 1935, foram implementadas as leis de Proteção do Sangue Alemão e Honra Alemã, que proibia casamentos e até mesmo relacionamentos fora do casamento entre alemães e judeus, ocasionando numa punição de trabalhos forçados. Essas punições, porém, eram raramente aplicadas:

Certainly sexual relations between German men and all women considered racially inferior, including Jews, was against Nazi policy, but these relations persisted nevertheless. Importantly, when the laws were broken, there was little or no punishment. For example, German soldiers

50. (...) que tudo se desdobra em torno dos aspectos mais especificamente femininos da vida mínima e desesperadora dos prisioneiros. Sua condição era muito pior do que a dos homens, e isso por vários motivos: a menor resistência física em face de trabalhos mais pesados e humilhantes do que os infligidos aos homens; o tormento das afeições familiares; a presença obsessiva dos crematórios, cujas chaminés, localizadas no meio do acampamento das mulheres, não podiam ser evitadas, não podiam ser negadas, corrompendo os dias e as noites com o coro de fumaça perversa, os momentos de tragédia, a ilusão, os sonhos e as esperanças tímidas [Tradução da autora].

who engaged in consensual — or even non-consensual — sexual relations with non-German women were rarely reprimanded. Even when soldiers were disciplined for raping non-German women, it was for the breakdown in military discipline rather than the violation of the woman (SINNREICH, 2015, p. 2)⁵¹.

No *Lager*, por sua vez, o estupro era visto como uma experiência pessoal. Muito desse pensamento foi difundido por anos em que as narrativas masculinas sobre o Holocausto dominaram os estudos — e essas narrativas contemplam temáticas como trabalhos forçados, fome, guetoização, mas nada que pertença ao campo da violência de gênero (SINNREICH, 2015, p. 3). Observar o estupro de mulheres judias como uma *experiência pessoal* é incoerente pois elas eram vítimas desse tipo de violência exatamente por serem mulheres e judias (SINNREICH, 2015, p. 4). A prostituição, por sua vez, era algo totalmente aceito — sendo os prostíbulos instalados em grande parte dos *Lager*, especialmente nos últimos anos do Terceiro Reich — a tática pensada por Himmler, como uma maneira de fazer com que os prisioneiros produzissem mais (SOMMER, 2009, p. 169). Além disso, os poucos espaços em conjunto também se tornavam espaços de trocas: mulheres *vendiam* o próprio corpo em troca de comida e roupa.

Questões como prostituição e maternidade são parte essencial da narrativa de Liana Millu — seus contos são retalhos de experiências, apresentando-nos um Lager quase onde os homens são passageiros, memórias e a experiência feminina é entendida sob suas diversas nuances.

51. Certamente, as relações sexuais entre homens alemães e todas as mulheres consideradas racialmente inferiores, incluindo judias, eram contra a política nazista, mas essas relações persistiram mesmo assim. É importante ressaltar que, quando as leis eram violadas, havia pouca ou nenhuma punição. Por exemplo, soldados alemães que se envolveram em relações sexuais consensuais — ou mesmo não consensuais — com mulheres não alemãs raramente eram repreendidos. Mesmo quando os soldados foram punidos por estuprar mulheres não alemãs, foi mais pela quebra da disciplina militar do que pela violação da mulher (SINNREICH, 2015, p. 2) [Tradução da autora].

SILÊNCIOS

Liana era uma professora e jornalista nascida em 1914 na cidade de Pisa, na Itália. Vítima das leis raciais impostas por Mussolini em 1938, foi proibida de entrar na Universidade de Pisa — só judeus que já se encontravam na Universidade tinham direito de continuar, novos alunos não seriam aceitos nas escolas e universidades estatais, de acordo com o “Il Manifesto della Razza”⁵² (PASSMORE, 2002, p. 60). Durante anos, Mussolini teve apoio das populações judaicas da Itália — inclusive, “mais de um terço dos judeus italianos adultos (cerca de dez mil) (...) eram membros do Partido Fascista” (LANG, 2013, p. 77). As leis implementadas em 1938 modificaram totalmente o panorama desses mesmos judeus dentro do território que eles conheciam como pátria e Liana, como muitos jovens judeus da época, juntou-se aos movimentos de resistência antifascista — sendo presa em 1944 e enviada para o Lager de Auschwitz-Birkenau e “renomeada” como A-5384 (MILLU, SCHWARTZ, 2001, p. 200). Esse panorama histórico foi essencial na sua narrativa, como afirma Stephania Lucamante, “tanto uma testemunha e escritora por necessidade, Millu está ciente de três fatores pelos quais sua identidade é moldada: ser uma mulher, sendo judia, e sendo italiana” (LUCAMANTE, 2014, p. 89).

“Il fumo de Birkenau” — sem tradução para o português — foi publicado em 1947, sendo formado por seis contos, escrito pouco depois de seu retorno após sua libertação, numa ansiedade que a preenchia e que precisa sair. Ao contrário de outros autores italianos que também narraram suas experiências no Lager, como Primo Levi, Edith Bruck e Alba Valech Capozzi; Liana Millu focou-se nas histórias de outras mulheres: sua experiência no Lager fica em segundo plano, quase sempre relacionada com a experiência das outras. Os contos contam a história de suas companheiras de Lager e os desafios enfrentados

52. Disponível em: http://www.deportati.it/archivio-storico/manifesto_razza/. Acesso em: 03 ago. 2019.

por essas mulheres, irmãs, mães, esposas. Entre esses desafios encontram-se a fome, doença, relações amorosas, maternidade, prostituição, prazer, gravidez e a capacidade de se manterem vivas e otimistas em um espaço que buscava destruí-las a cada segundo, onde “uma voz sombria narra essas parábolas da dor, que todos se relacionam com a forma como o amor e a procriação se tornam ameaças fatais para a mulher vida no acampamento” (LUCAMANTE, 2014, p. 92). É uma contadora de histórias, seus olhos e ouvidos nos apresentam a personagens como as irmãs Lotti e Gustine, Bruna e seu filho Pinin, Mia e seu *kochany*, entre outras.

Lungo tutto lo sviluppo del testo si dispiega la vita “minimale e disperata” delle prigioniere, che la Millu sintetizza in episodi tanto evocativi che singolari ad ogni donna. Riemergono così dall’indistinto della massa delle prigioniere volti, nomi e figure violentate dal ritmo del Lager, ma capaci anche di una resistenza la cui radice è custodita nel mondo che ciascuna porta dentro di sé.⁵³

Seus contos, assim como outros textos que falam sobre a experiência feminina no Lager, “estão envolvidos em debates sobre a relação de gênero entre guerra e literatura. Eles levantam questões sobre as condições patriarcais da literatura, produção e recepção” (SAYNER, 2007, p. 1), além de outras questões que permeiam o texto de Millu. Além disso, narrar o que foi visto e vivido dentro das cercas do Lager — um mundo próprio, uma Torre de Babel de idiomas e experiências — já era por si só a quebra de um muro, como afirma Márcio Selligman-Silva (2008, p. 66). Narrativas como a de Liana têm o poder de

53. Ao longo do desenvolvimento do texto, a vida “mínima e desesperada” dos prisioneiros se desdobra, o que Millu resume em episódios tão evocativos quanto singulares a todas as mulheres. Assim, rostos, nomes e figuras, estuprados pelo ritmo do Lager, emergem da massa indistinta dos prisioneiros, mas também são capazes de resistir, cuja raiz é mantida no mundo que cada um carrega dentro de si [Tradução da autora]. Disponível em: <https://pensiero-dioggi.wordpress.com/2020/01/23/storia-di-liana-millu/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

nos apresentar um pouco desse *mundo Lager* e acaba sendo um modo de eternizar suas personagens, incapazes de contar a própria história.

A maneira que nós acessamos essas narrativas — sendo a Shoá constantemente romantizado na ficção, cinema, literatura — porém, nem sempre foi tão natural, especialmente no caso da Itália. O mito do “bom italiano”, em relação ao “alemão mal” foi difundido por todo o país, como uma maneira simplista de observar o impacto que o governo fascista de Mussolini teve na Shoá, assim como explica Emiliano Perra (2010): após o fim da Segunda Guerra Mundial, o discurso hegemônico que se expandiu na Itália — o país onde nasceu o Fascismo — procurava minimizar a influência do movimento Fascista na deportação dos judeus para o Lager, culpabilizando os “invasores alemães”, sendo esse discurso apoiado, inclusive, pela Igreja Católica, na *The Catholic Encyclopedia*, que afirmava que o antissemitismo não teria existido na Itália, “(...) qualificou a legislação pós-1938 como mera imitação de medidas alemãs; também afirmou que a campanha de propaganda que se seguiu não poderia influenciar significativamente a mentalidade italiana” (SCHWARZ, 2013, p. 15). Sendo assim, as narrativas sobre o Lager não eram ouvidas, não tinham espaço dentro desse discurso hegemônico, não se queria saber, como exemplifica Primo Levi, “Today it is unseemly to speak of the camps. One is at risk of being accused, in the best hypothesis, of self-pity or a gratuitous love for the macabre; in the worst, of pure and simple dishonesty, or maybe indecent behavior” (LEVI, 2015, p. 903)⁵⁴.

Liana também foi vítima de um sentimento semelhante, o que influenciou seu trabalho como escritora, como afirma no trecho da entrevista a seguir⁵⁵

54. Hoje é impróprio falar dos campos. Corre-se o risco de ser acusado, na melhor das hipóteses, de autopiedade ou de um amor gratuito pelo macabro; no pior, de pura e simples desonestidade, ou talvez de comportamento indecente [Tradução da autora].

55. Seu segundo romance, *I ponti di Schwerin*, foi publicado apenas em 1978 (Branciforte, 1998, p. 296).

Per quasi trent' anni. Perche — c'è la ragione — io ero rimasta molto, molto male perche era amaro sentire dire privatamente 'Ma questo libro è bellissimo, e un capolavoro, e qui...'. E di vedere che era un flop. E soffrivo di questo, ne soffrivo tanto che allora scrivevo articoli per i giornali. Ma un libro, no (Branciforte, 1998, p. 296)⁵⁶.

Dessa maneira, o *ato de testemunhar* — que já era por si só nebuloso, torna-se solitário: suas memórias eram suas, não eram sequer dignas de serem compartilhadas. Personagens como Bruna e seu Pinin, por exemplo, seriam eternizados nas palavras — mas apenas nas de Liana, e não nas de outras pessoas os leitores, que preferiam ignorar tudo aquilo. Além disso, a memória do Lager não é simples: “evocá-lo dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor” (LEVI, 2004, p. 20). Falar de sua experiência — após a permanência do Lager — significava a quebra de um dos principais fatores de *esmagamento*: a capacidade de se comunicar, como afirma Levi, “o uso da palavra para comunicar o pensamento, este mecanismo necessário e suficiente para que o homem seja homem, tinha caducado” (LEVI, 2004, p. 80). A linguagem do Lager era a violência: era emudecer todos aqueles que ali estavam, para que não restassem testemunhas ou palavras que pudessem ser usadas para descrever tudo o que estava ali.

No texto que abre a edição em língua inglesa de “Il fumo de Birkenau”, Primo Levi apresenta algumas das razões que ele considera a narrativa importante e, entre elas, como a situação feminina no Lager era ainda mais precária que a dos homens:

(...) first, less physical endurance, coupled with work more arduous and degrading than the labors imposed on the men; the agonies of disrupted

56. Por quase trinta anos. Porque — há uma razão — fiquei muito, muito mal porque era amargo ouvir, particularmente dizer “Mas este livro é lindo e uma obra de arte e aqui...”. E para ver que foi um fracasso. E eu sofri com isso, sofri tanto que escrevi artigos para jornais. Mas um livro, não [Tradução da autora].

families; and above all, the haunting presence of the crematoria, located right in the middle of the women's camp, inescapable, undeniable, their ungodly smoke rising from the chimneys to contaminate every day and every night, every moment of respite or illusion every dream and timorous hope (LEVI, 2001, p. 7)⁵⁷.

Muitas das diaristas que narraram suas vidas cotidianas durante a Shoá — como Anne Frank, Etty Hillesum, Rywka Lipszyc — faleceram no Lager ou pouco depois disso, sendo suas narrativas restritas às suas casas, Lager de trânsito ou gueto, “desde o primeiro momento em que puseram os pés em Auschwitz, na primavera de 1942, as mulheres enfrentaram condições terríveis, trabalhos ruinosos e violência extrema” (WACHSMANN, 2015, p. 353). Sendo assim, as narrativas de sobreviventes do Lager torna-se ainda mais rara, mais inédita.

No artigo “La memoria italiana della Shoah”, a autora Anna Baldini apresenta um gráfico dos livros publicados sobre 1. “memórias dos deportados nos campos de extermínio”, 2. “coleções de testemunhos” e 3. “memórias da perseguição na Itália”: entre os anos de 1944 e 1947, foram publicados nove “memórias de deportados”, três “memórias de perseguição” e uma “coleção de testemunhos” (BALDINI, 2012, p. 759). Desses treze livros iniciais, — o próximo livro seria publicado apenas em 1956 — apenas um deles foi traduzido para português, *É isto um homem?*, de 1947, publicado no Brasil em 1988. A perspectiva italiana da Shoá ainda é desconhecida para o público brasileiro, tanto para o público geral quanto para o público mais especializado. Apresentar o trabalho de Liana nesse artigo é preencher parte dessa lacuna, em busca desse espaço de extrema importância, dessa lacuna que existe.

57. (...) primeiro, menos resistência física, juntamente com trabalho mais árduo e degradante do que os trabalhos impostos aos homens; as agonias de famílias despedaçadas; e acima de tudo, a presença marcante dos crematórios, localizada bem no meio do acampamento das mulheres, inescapável, inegável, sua fumaça ímpia subindo das chaminés para contaminar todos os dias e todas as noites, cada momento de trégua ou ilusão todo sonho e tímido esperança [Tradução da autora].

OUTRAS

Se for possível colocar um tema principal do texto de Liana e nos contos encontrados em “Il fumo de Birkenau”, seriam relações: entre mães e filhos, irmãs, romances, companheiras. Bons exemplos do desenvolvimento dessas relações — e os textos que são analisados nesse artigo — são os contos “Lili Marlene”, “High Tension” e “Scheiss Egal”.

Em “Lili Marlene”, somos apresentados a Lili, uma prisioneira húngara — “tough, resiliente women who had no patience with anyone who complained about the drudgery” (MILLU, 2001, p. 14) — uma amiga que Liana havia feito, nos primeiros dias no Lager. No conto, a autora narra a relação entre Lili, costuma que costurar para Mia, a *kapo* e possui pequenos luxos, como linha o bastante para fazer alguns remendos na própria roupa. Lili, porém, também chama a atenção do *kochany* — do polonês, que significa *amante, amado* — de Mia, um oficial alemão que a visita todos os dias. A presença desse oficial é um alívio para todas as prisioneiras, pois a sua chegada significa o *desaparecimento* de Mia, nos momentos em que se encontram, as prisioneiras podem ter alguma paz — o humor da *kapo* está intrinsecamente ligado ao atraso dele, por exemplo. Liana, ao perceber que o trabalho de Lili para a *kapo* não exige força, a considera sortuda e comenta isso com outra companheira, Aërgi, que responde “No. No good work for Mia,” she said in her broken German. “Better stay away” (MILLU, 2018, p. 28). Eventualmente, Lili é *beijada* pelo oficial, causando fúria em Mia, que a espanca. A vingança de Mia é ainda maior: Lili é, eventualmente, *selecionada*, desaparecendo entre as cinzas (MILLU, 2001, p. 47). Olga Lengyel também apresenta a sua própria perspectiva sobre as relações amorosas no *Lager*, ao ser constantemente abordada por outro prisioneiro, com presentes — comida, um xale para cobrir a cabeça careca — “Mais tarde, soube que aquela era a forma mais gentil de fazer amor em Auschwitz. A abordagem comum era muito mais rude e sem rodeios” (LENGYEL, 2018, p.

63). As relações sexuais no Lager não eram sempre violentas — e nem sempre eram forçadas, mas serviam até como parte de um *mercado*, como moeda de troca como Zoe Waxman apresenta:

(...) women nevertheless did consent to sex in Auschwitz and even on occasion initiated it. To deny this is to deny women's ability to make strategic choices even in extremity— for example, to employ sex as another commodity to be bartered. If we are to see women in history as active agents—rather than as one-dimensional victims—then we need to take seriously the choices they make, even if they do not accord with our own moral values. Furthermore, there are differences between rape, coerced sex, prostitution, and abuse, not least in the ways in which women interpret their experiences. Whilst there are often very fine lines between these experiences we do have to acknowledge ambiguities (WAXMAN, 2017, p. 109)⁵⁸.

Essa observação de Waxman também nos ajuda a compreender o conto “Scheiss Egal” — a história das irmãs Lotte e Gustine. Ao encontrar Gustine doente, Liana pergunta sobre sua irmã — e descobre que Lotte havia morrido. A narradora questiona se a morte da irmã não seria a razão da tristeza e da doença de Gustine,

So Lotti had gone up in smoke, never again to sing the song about the golden ring. But why did Gustine look so strange at the mention of her name?

Most of the sisters in the camp loved each other with na almost morbid attachment, and possibly Gustine, sick as she was, felt her sister's death all the more (MILLU, 2001, p. 151).

58. mesmo assim, as mulheres consentiam em fazer sexo em Auschwitz e mesmo ocasionalmente o iniciavam. Negar isso é negar a capacidade das mulheres de fazer escolhas estratégicas mesmo em situações extremas — por exemplo, empregar o sexo como outra mercadoria a ser trocada. Se quisermos ver as mulheres na história como agentes ativos — em vez de vítimas unidimensionais — então precisamos levar a sério as escolhas que elas fazem, mesmo que não estejam de acordo com nossos próprios valores morais. Além disso, existem diferenças entre estupro, sexo forçado, prostituição e abuso, principalmente nas formas como as mulheres interpretam suas experiências. Embora muitas vezes existam linhas muito tênues entre essas experiências, temos que reconhecer as ambiguidades [Tradução da autora].

Pouco depois, porém, Liana descobre que Lotte inscreveu-se para o *Puffkommando*, o Prostíbulo do Lager e, para Gustine, ela estava morta (MILLU, 2001, p. 151). Apropriando-se do texto de Waxman, é possível perceber a escolha de Lotte como uma tática de sobrevivência. Ao visitá-la, ao contrário do que acontece com Gustine, Lotte “looked so fresh and radiant that I was speechless” (MILLU, 2001, p. 160). A relação entre as irmãs acaba no momento em que Lotte decide juntar-se ao *Puffkommando*, contrariando Deus e o que Gustine pensava ser correto — mesmo no Lager, onde as regras sociais, éticas, eram corrompidas. Nada importava, os sentimentos das irmãs, as expectativas de vida e as escolhas eram permeadas sempre pela sombra da morte. Esse sentimento fica claro quando um soldado, ao reportar-se a Lotte e saber da situação de Gustine fala a frase que dá nome ao texto: “Her sister is sick? *Scheiss egal!* Who gives a shit?” (MILLU, 2001, p. 175).

Ao pensarmos em maternidade no *Lager*, soa quase como uma contradição. A maternidade, sempre observada como um momento sagrado, idealizada, está — segundo estudiosas feministas — intrinsecamente ligadas à socialização de mulheres na sociedade, sendo assim, “the fate of Jewish mothers in the Holocaust offers an extreme example of the fatal bond constructed by society and the fatal implications of women’s socialization as mothers” (HERTZOG, 2016, p. 16). A maioria das narrativas que apresenta o ponto de vista da mãe — ou a mãe como personagem — envolve uma conexão entre mãe-filho que é mais do que corpórea, no sentido de a mulher ter seu corpo subjugado pelo filho ou filha, em que a mãe é percebida como um objeto e em função de outro (PALGI-HECKER apud HERTZOG, 2016, p. 18). Os sacrifícios feitos pelas mães eram, ao mesmo tempo, vistos como heroicos, mas, ao mesmo tempo, algo que era esperado de mães: seu papel devia ser sempre o de responsável por proteger a família, sacrificando-se. Aquelas que se afastavam desse estereótipo, como as mães que se separavam de seus filhos ou escolhiam sobreviver

eram marginalizadas. Lawrence Langer apresenta, então, o conceito de *choiceless choice*,

These are defined as situations in which ‘critical decisions did not reflect options between life and death, but between one form of ‘abnormal’ response and another, both imposed by a situation that in no way was of the victim’s own choosing’ (LANGER apud HERTZOG, 2016, p. 25).⁵⁹

Esse sentimento se conecta com Bruna, uma das companheiras de Liana e protagonista do conto “High Tension”, que abre mão de sua ração de comida em troca de algumas cenouras para seu filho, Pinin:

“Tell her I’ll give her the whole ration,” insisted Bruna, determined at this point not to leave empty-handed.

“And what’ll you eat?” I retorted. “Can you live on air? Do you want to go to the crematorium before Pinin?”

Bruna replied angrily that this was no concern of mine — I should stick to being the interpreter. I was offended in turn and translated her offer word for word to Katia (MILLU, 2001, p. 104).⁶⁰

Por fim, Bruna e Pinin se sacrificam juntos, morrendo abraçados — separados por uma grade de alta-tensão, o sacrifício materno supremo, no qual Bruna é responsável não só pela sua própria sobrevivência, mas também pela de Pinin — falecendo ao abraçá-lo, buscando essa redenção materna (MILLU, 2019, p. 96).

59. Estas são definidas como situações em que “decisões críticas não refletem opções entre a vida e a morte, mas entre uma forma de resposta” anormal “e outra, ambas impostas por uma situação que de forma alguma foi da própria escolha da vítima” (LANGER apud HERTZOG, 2016, p. 25) [Tradução da autora].

60. — Diga a ela que dou a ração inteira! — Bruna repetiu, já decidida a não ir embora de mãos vazias.

— O que você vai comer? — interrompi — Você mora no ar, é? Você quer ir ao crematório antes de Pinin?

Bruna respondeu em tom irritado que isso não me devia respeito e eu tinha que ter o cuidado de ser a intérprete, por isso me ofendi e traduzi a oferta para Kátia sem acrescentar uma palavra [Tradução da autora].

FIM

A autora e sobrevivente do Holocausto Ruth Klüger afirma que

Wars, and hence the memories of wars, are owned by the male of the species. And fascism is decidedly male property, whether you were for or against it. Besides, women have no past, or aren't supposed to have one (KLÜGER apud SAYNER, 2007, p. 2).⁶¹

A vencedora do Prêmio Nobel de Literatura, Svetlana Aleksíevitch, em seu livro “A guerra não tem rosto de mulher”, chega a um questionamento semelhante, ao dissertar sobre a necessidade de mais um livro sobre guerra, afirmando que

Já aconteceram milhares de guerras — pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas”. Já as mulheres estão caladas (ALEK-SIÉVITCH, 2016, p. 10).

Ao escolher narrar a história de outras mulheres, Liana preenche um espaço que muitas vezes é mudo. Seu papel dentro da narrativa é de ouvir as histórias dessas mulheres e contá-las para o leitor e, ao fazer isso, a autora não apenas *quebra o muro* — fazendo uso da analogia já apresentada, criada por Márcio Selligman-Silva — mas ela cria uma ponte entre suas personagens, ela mesma e nós, leitores. Desse modo, o trabalho justifica-se pela já conhecida exclusão de narrativas de autoria feminina dentro do cânone literário — cânone esse que demonstra “principalmente o que os homens de educação privilegiada mais valorizam como escritores e leitores” (FISHER, SILBER, 2003,

61. As guerras e, portanto, as memórias das guerras, pertencem ao macho da espécie. E o fascismo é decididamente uma propriedade masculina, quer você seja contra ou a favor. Além disso, as mulheres não têm passado ou não devem ter um [Tradução da autora].

p. 25), e, ainda maior, ao pensarmos em narrativas de autoria femininas em guerras. Liana e suas personagens nos encaram, nos olham do modo mais profundo, honesto e doloroso, abrindo e tocando as feridas que nem sabíamos que existiam. Suas palavras nos marcam e invadem as mais profundas memórias que não possuímos, mas que precisam estar ali, aqui, vivas, sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEKSIÉVITCH, S. *A guerra não tem rosto de mulher*. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BALDINI, A. *La Memoria Italiana Della Shoah (1944-2009)*. *Atlante della letteratura italiana*, v. 3, *Dal Romanticismo ai giorni nostri* (2012): n. pag. Print.

BRANCIFORTE, S. *Intervista con la storia: una conversazione con Liana Millu*. *The Italianist*, v. 18, n. 1, 1998.

FISHER, J.; SILBER, E. S. *Women in literature: reading through the lens of gender*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2003.

HERTZOG, E. *Subjugated Motherhood and the Holocaust*. Londres: Routledge, 2016.

HILBERG, R. *A destruição dos judeus europeus*. São Paulo: Amarelly, 2016.

LENGYEL, O. *Os fornos de Hitler*. São Paulo: Crítica, 2018.

LEVI, P. Foreword. In: MILLU, Liana. *Smoke over Birkenau*. Evaston: Northwestern University Press, 2001.

LEVI, P. *Mil Sóis*. São Paulo: Todavia, 2019.

LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz & Terra, 2004.

LUCAMENTE, S. *Forging Shoah Memories: Italian Women Writers, Jewish Identity, and the Holocaust*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

MILLU, L. *Smoke over Birkenau/Liana Millu*; translated from the Italian by Lynne Sharon Schwartz. Nova York: Varda Books, 2001.

PASSMORE, K. *Fascism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PERRA, E. *Conflicts of memory: The reception of Holocaust films and TV programmes in Italy, 1945 to the present*. Berna: Peter lang AG, International Academic Publishers, 2010.

SAYNER, J. *Women without a Past?: German Autobiographical Writings and Fascism*. (Genus: Gender in Modern Culture). Editions Rodopi B.V. Amsterdam — New York, NY 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. *Psicol. clin.* Rio de Janeiro, v. 20, ed. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>. DOI 10.1590/S0103-56652008000100005. Acesso em: 10 ago. 2021.

SINNREICH, H. 'And it was something we didn't talk about': Rape of Jewish Women during the Holocaust. *Holocaust Studies: A Journal of Culture and History*. v. 14, 2008 — Issue 2.

SOMMER, R. *Sexual Exploitation of Women in Nazi Concentration Camp Brothels*. In: HEDGEPEETH, Sonja M. e SAIDEL, Rochelle G. (Org.). *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust*. Lebanon: Brandeis University Press, University Press of New England, 2010.

WACHSMANN, N. *KL: A History of the Nazi Concentration Camps*. Little, Brown Book Group: UK, 2015.

WAXMAN, Z. *Women in the holocaust: a feminist history*. Oxford University Press: Oxford, 2017.



TRIÁNGULO ROSA: UNA APROXIMACIÓN AL NAZISMO DESDE LA PERSPECTIVE DE GÉNERO

Claudio Román & Joel Kaplan

En el año 2020, dentro del marco del Programa Morei Morim Lehoraat Hashoá organizado por la Fundación BAMA y auspiciado por Claims Conference, los educadores Joel Kaplan y Claudio Román abordaron la misma temática desde distintos marcos de investigación, pero con la convicción de habilitar una puerta de entrada a la enseñanza del Holocausto diferente de la habitual. Ambos coincidieron en tomar como objeto de investigación, análisis y producción la historia de “los hombres del triángulo rosa” durante el Holocausto. El abordaje en ambos casos sería desde la perspectiva de género, enmarcada en la obligatoriedad de la enseñanza de la E.S.I (Educación Sexual Integral) en los diferentes niveles educativos a partir de la Ley 26.150 (año 2006), planteando así una transversalidad entre enseñanza del Holocausto y perspectiva de género (E.S.I). Desde sus investigaciones originales ambos educadores encontraron el poco abordaje del tema, tanto en el ámbito educativo (formal e informal) como en la producción de materiales disponibles (tanto en español como en otras lenguas). Encontrándose material mayormente en inglés y alemán. Lo que demandaría una traducción directa de algunos de los materiales. Pensando en términos de una futura propuesta didáctica, también — ambos autores — investigaron sobre el escaso material filmico y documental al respecto. Originalmente la propuesta de Kaplan estaba destinada a la capacitación de

educadores del Colegio Secundario “Scholejm Aleijm” de la Ciudad de Buenos Aires y el de Román al personal del Museo del Holocausto, principalmente pensado para las visitas guiadas. Y es en ese sentido y en ese punto, que la organización del programa decide contactar a ambos autores a fin de generar un producto en común. Debido a cuestiones operativas, el proyecto debió ser redireccionado a la capacitación de egresadxs Latinoamericanos del Programa Morei Morim de cohortes anteriores, y debido a la pandemia debió ser producido y pensado en la virtualidad. Lo cual implicó reconfigurar el material en ambos casos, repensar el recorrido y el formato, y redireccionar los recursos. Finalmente, se produjo en formato Seminario de cinco encuentros virtuales (dos sincrónicos vía Zoom y tres autogestionados — asincrónicos — vía el campus de BAMA en formato Moodle), asistiendo 20 educadores de diferentes procedencias y campos de práctica. Para la producción recurrió a la filosofía de enseñanza del Holocausto de Yad Vashem y en cuanto a la E.S.I., como marco teórico la Teoría Queer. La duración del seminario fue de un mes y medio. Durante el mismo hubo diferentes producciones individuales de lxs participantes y una producción final.

LOS HOMBRES DEL TRIÁNGULO ROSA

En el caso de ambos autores, tanto Kaplan como Román, encontraron como primer testimonio escrito de relevancia de 1972 “Die Männer mit dem rosa Winkel” (Los hombres del triángulo rosa: Memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis) publicado bajo la pluma de Heinz Heger (seudónimo del escritor Hans Neumann) que relata lo vivido por el austriaco Joseph Kohout durante el nazismo. A partir de allí, cada uno había orientado su investigación: en el caso de Kaplan a través de diferentes fuentes digitales y escritas, y en el caso de Román, focalizado en un comienzo a través de los memoriales que recuerdan a las víctimas de la persecución durante el nazismo en diferentes partes del mundo.

Al profundizar el tema, y encontrar otros testimonios escritos: Pierre Seel (Moi, deporte homosexuelle, 1994), Stephan K (“Damned Strong Love” original en alemán 1991 y traducido al inglés 1995 y novelado por Lutz van Dijk), Gad (Gerhard) Beck (“An Underground Life, Memoirs of a Gay Jew in Nazi Berlin”, 1999), y Rudolf Brazda (Itinéraire d’un Triangle Rose, escrito en colaboración con Jean-Luc Schwab, 2010), y materiales fílmicos de testimonios de la USC Shoah Foundation y el Museo Memorial del Holocausto de Washington (USHMM), el documental “Parágrafo 175”, que sirvieron para ir pensando la propuesta.

En cuanto a material teórico de análisis, el mismo resultó escaso pero muy orientador: el primer texto: “The Pink Triangle: The nazi War against Holocaust” de Richard Plant (1986), “Hidden Holocaust: Gay and Lesbian Persecution in Germany 1933-1945” de Günter Grau con colaboración de Claudia Schoppmann (1993, en inglés 1995), “Days of the Masquerade: Life Stories of Lesbians during the Third Reich” de Claudia Schoppmann (1993, en inglés 1996) “Branded by the Pink Triangle” del canadiense Ken Setterington (2013), y “Queer Identities and Politics in Germany: A History 1880-1945” de Calyton J. Whisnant (2016).

Todos ellos como modo de abordar la situación del colectivo LGBTIQ+ durante el Holocausto. Teniendo en cuenta la filosofía de la transmisión del Holocausto de Yad Vashem, se investigó el antes (1919 a 1933), el durante (1933 a 1945) y el después (1945 a nuestros días, en este caso no solo en Alemania sino en E.E.U.U y en Argentina).

Producto de la investigación, se concluyó que hubo una persecución que especialmente afectó a los homosexuales varones por el nazismo:

Nuestra visión es que a través del artículo 175 la gente debería ser procesada severamente debido a que tales vicios conducen a la perdición de la Nación Alemana (Wilhelm Frick, diputado Nazi en el Reichstag).

Poco más del 7 u 8 % de los hombres en Alemania son homosexuales, si así se mantienen las cosas, nuestra nación se caerá en pedazos por causa de esta plaga. Aquellos que practican la homosexualidad privan a Alemania de los hijos que le deben (Heinrich Himmler, Reichführer SS).

Y en su caso a las mujeres pero pensando que podían ser “rescatadas” en términos del reproductivismo propio del programa nazi.

Dichos hombres gays fueron perseguidos, encarcelados, deportados, sometidos a vejámenes y torturas, y en su caso la muerte. Varios fueron deportados a numerosos campos, existen pocos vestigios documentales de dichas persecuciones e instrucciones concretas de las que da cuenta G. Grau en su texto. En el caso de las lesbianas, según acredita en los diez testimonios recogidos en su libro, Claudia Schoppmann, varias fueron sometidas como Triángulos Negros (señal identificatoria de “lxs asociales”) en varios campos pero especialmente en el campo de mujeres de Ravensbrück.

La persecución se fue intensificando luego de concluida la Operación Kolibri (también conocida como “Noche de los cuchillos largos”) y la muerte del líder SA, Ernst Röhm (1934). Y sobre todo ante el agravamiento y ampliación de las penas del Parágrafo 175 del Código Penal alemán (1935). Donde incluso se llegó a penar la “seducción”. Para luego comenzar con las deportaciones y el trato diferenciado en las barracas. Los homosexuales rara vez llegaban a ocupar cargos de poder en la jerarquía de los campos, dado que eran lo más bajo en la escala y trato dentro de ellos.

Es así como, según señala Yehuda Bauer, “50.000 homosexuales fueron arrestados, 35.000 fueron liberados, 15.000 fueron enviados a los campos de concentración, 5.000 aproximadamente murieron” (datos emitidos por el Profesor Yehuda Bauer, en Yad Vashem, 4 de enero, 2010). De allí, el escaso número de sobrevivientes y la falta de visibilidad de este colectivo socio sexual (G. MORGADE). De hecho, al continuar en Alemania y otros países la penalización de la homosexualidad o su patologización; varios homosexuales ocultaron

su identidad de género bajo matrimonios de conveniencia o renegaron de la misma (es el caso de Pierre Seel) o directamente silenciaron sus testimonios.

También, cabe dar cuenta que lxs homosexuales fueron objeto de experimentaciones científicas, muchas de ellas basada en la supuesta “cura” de la homosexualidad y llevadas a cabo por médicos en los diferentes campos. Merece destacarse la cruenta intervención de médico danés Carl Värnet especialmente en el campo de Büchenwald que fuera recuperada por el film documental “Triángulo Rosa; la cura nazi para la homosexualidad” de los argentinos Esteban Jasper y Nacho Steimberg (2016). De la cual fueron víctimas numerosxs homosexuales de lxs cuales no se tienen datos certeros.

SECUENCIACIÓN Y PROPUESTA PEDAGÓGICA

En algún sentido se estableció una cronología que abarcó el tiempo de la República de Weimar, previa al nazismo, y sus aires de libertad pese a la vigencia del Parágrafo 175 del Código Penal Alemán de 1871 que condenaba la homosexualidad masculina. Estableciendo lugares de encuentro y circulación, a los que Whisnant llama “escena gay lésbica” y a los que Perlongher menciona como deriva homosexual. Cabarets, Clubs, Asociaciones, Revistas, etc., proliferaron en este período. Cabe destacar la fuerte presencia del activista, médico, homosexual y judío alemán, Magnus Hirschfeld y su prédica por la abolición del Parágrafo 175, la inauguración del Comité Científico Humanitario (1897, reconocido formalmente como la primera organización gay) y luego del Instituto para el Estudio de la Sexualidad (1919). Y su protagonismo destacable en un momento de difícil visibilización. Hasta el durante desde el advenimiento de Hitler como canciller y la centralidad del régimen dictatorial nazi, hasta la caída del mismos en 1945. Para luego abordar el después, tanto en ambas Alemanias (en las cuales se dejará de lado del Parágrafo 175 en la

República Democrática Alemana en 1968 y en la República Federal Alemana en 1969, para ser derogado recién en la década del noventa). Pasando revista a los movimientos revolucionarios de fines de los sesenta y su impacto en el mundo y en el colectivo LGBTIQ+, en especial las protestas y revueltas de Stonewall Inn en la ciudad de Nueva York (1969) y su repercusión tanto en la costa oeste como en Europa y el resto del mundo. En Argentina, con los primeros movimientos LGBTIQ+ en plenas dictaduras (fines de los 60) inspirados en el modelo norteamericano pero más radicalizados al estilo europeo. Los primeros activistas. El lugar de dichos organismos en la dictadura del setenta y seis, los primeros organismos de la democracia de los ochenta, el impacto del VIH. Sida en la comunidad, y las peticiones de los noventa que se verán plasmadas en Argentina a través de la legislación interna: Ley de Matrimonio Igualitario, Ley de Identidad de Género y Ley de Cupo Laboral Trans.

Toda esta cronología, requería de un ordenador, un marco teórico de análisis y profundización de lectura. Es así como, Kaplan y Román, optaron por el abordaje desde la Teoría Queer, recurriendo a J. Butler, E. Kosofsky Sedgwick, P. Preciado, M. Wittig partiendo de algunos conceptos y algunas enunciaciones trascendentes para el abordaje. Siendo de gran utilidad el recurrir al texto de Michel Foucault, "Historia de la sexualidad Volumen 1, La voluntad del Saber" (1979) Y sobre todo realizar una transposición didáctica de dichos textos que pudiera guiar a lxs educadores que abordaran el recorrido virtual con solo dos encuentros sincrónicos.

Tanto en el caso del proyecto original de Kaplan como el de Román, uno destinado a docentes de nivel secundario de una institución comunitaria, y el otro a personal de un museo sobre la temática; debieron ser reajustados a lxs nuevxs destinatarixs del proyecto: egresados Morei Morim de Latinoamérica, por lo cual, si bien dichos educadores realizaban o realizaron prácticas en instituciones de la comunidad judía, era muy probable no tuvieran idea del abordaje E.S.I

(perspectiva de género) que aportaba la propuesta. Por lo cual hubo que generar un dispositivo de acceso a la información y al análisis propuesto. Sumado a esto, que muchos de ellxs, si bien provenían de Argentina — donde hay un trabajo reciente hecho desde nivel inicial a terciario, en lo referido a la Educación Sexual Integral — no todxs provenían de la educación formal sino de la educación no formal, y en el caso de lxs cursantes de otros países la situación era muy diferente en todos ellos.

La organización y estructura, fue pensada en consonancia con films seleccionados que abordaban la temática. Desde “Cabaret” de Bob Fosse (1972, basada en “Adiós a Berlín” de C. Isherwood), a “Bent” de Sean Mathias (1997, basada en el testimonio de Joseph Kohout), “Aimée y Jaguar” de Max Färberböck (1998) y “Un amor para olvidar” de Christian Faure (2005), o “Pride” de Matthew Warchus (2014). Como modo — no solo de ordenar e ilustrar — sino de brindar materiales que pudieran ser utilizados para la producción final o en las instituciones de desempeño. Distinguiendo estas obras de ficción de otras documentales como “Parágrafo 175” de Rob Epstein y Jeffrey Friedman (2000) o Triángulo Rosa: la cura nazi de la homosexualidad de Nacho Steimberg y Esteban Jasper (2014) o archivos filmicos como el de “Diferente a los demás” (“Anders als die Anders”, 1919) film mudo expresionista considerado el primer film de temática LGBTIQ+. O materiales más recientes como “Un putito inolvidable” de Lucas Santa Ana (2016) o “Sexo y Revolución” de Ernesto Ardito (2020).

Otra cuestión a pensar fue la de la “no presencialidad” de la propuesta debido a la pandemia. Es decir cómo resolver algunas situaciones con dispositivos tecnológicos que permitan por ejemplo: la presentación de los cursantes a través de un Sticky, o aportar a través de foros o padlets, como modo de sostener una cierta interactividad aunque sea remota y asincrónica. O el uso de repositorios de información para dar respuestas a las demandas de lxs participantes y a los recorridos alternativos propuestos a través de un Thinglink. Esto

sumado a la exploración y explotación del formato “Moodle” del campus de la Fundación auspiciante. Cuestiones que indirectamente, y para curricularmente, serían de impacto en las prácticas ulteriores de lxs docentes participantes y en sus producciones finales.

Y es en este sentido, la producción final, donde la idea fue habilitar la posibilidad de genera espacios de producción institucional que aúnen ambas cuestiones: Holocausto y perspectiva de género. Es decir elaborar dispositivos institucionales, áulicos, grupales, que pongan en juego algunos de los temas, o conceptos abordados en la recorrida propuesta. Como idea de — no solo una concreción del final de camino —, sino de comienzo de una trayectoria concreta. Todo ello enmarcado en un concepto compartido de Justicia de Género o Justicia Erótica (G. Morgade; G. Rubin), como parte de la justicia retributiva de devolver la voz a esas voces acalladas durante el nazismo.

LAS PRÁCTICAS

El seminario se realizó en 2020 por vía virtual a educadores comunitarios que había egresado del Programa Morei Morim organizado por la Fundación BAMA de Buenos Aires, con el auspicio de Claims Conference. El grupo lo constituyeron unos veinte inscriptos de diferentes lugares de Argentina y de otros países latinoamericanos. La cursada duró mes y medio. Llevándose a cabo desde 2-10-2020 al 5-11-2020 Y se estructuró en cinco módulos, dos correspondientes a encuentros sincrónicos realizados vía zoom de aproximadamente una hora y media, que fueron grabados y luego se encontraron disponibles para lxs cursantes; y tres encuentros asincrónicos (autogestionados) los cuales constaron de una lección escrita, material de visita obligatoria (escrito, o audiovisual), material sugerido y una actividad de síntesis. Todas las lecciones tendrían ilustraciones referidas al texto con sus citas correspondientes.

Todo ello fue cargado por los autores en el campus de la Fundación BAMA (con el formato de aula virtual de Moodle), teniendo en cuenta una instancia de presentación tanto de los docentes a cargo como del grupo, la cual fue hecha con una lección introductoria breve — la cual sirvió para introducir el tema e introducir conceptos claves que luego se desarrollarían o profundizarían a lo largo del recorrido —, un breve CV de los coordinadores, una presentación de lxs cursantes a través de la modalidad de un Sticky, y una cronología de las clases (llevadas a cabo los días jueves) y una síntesis de sus contenidos.

El primer módulo sincrónico fue el de presentación de la propuesta vía zoom, a través de la presentación de sus coordinadores mediante una imagen y una frase que indicaron el por qué de la elección de la temática de “los hombres del triángulo rosa”. En el caso de Kaplan fue una frase e imagen de Joseph Kohout y se destacó su trayectoria en educación judía y su trabajo comunitario como punto de partida. En el de Román, se eligió la imagen de una marcha del Orgullo en Madrid y la presencia del Triángulo Rosa resignificado en la protesta, como parte de la identidad gay del docente organizador. Luego se explicó la propuesta, el cronograma, la modalidad y el formato, y se realizó la presentación del tema a través de un breve video extractado de “Parágrafo 175”, luego se realizó un breve recorrido por el antes apoyado en un PDF generado como material de trabajo (que se proyectó como compartido) y varios fragmentos de videos de “Parágrafo 175” y de “Bent”. Se compartió, además, una breve introducción del durante a través — nuevamente — de un PDF y fragmentos fílmicos de las películas ya mencionadas. La idea fue dejar sentada la metodología de trabajo, la propuesta y una idea de propuesta o actividad para la tarea final. Finalmente, se habilitó un espacio de intercambio, para consultas y aportes o aclarar dudas, en el que participaron lxs cursantes con interesantes inquietudes. Así, se dio la apertura del seminario.

Una semana después, se dio comienzo a la propuesta a través del campus, se permitió el acceso al segundo encuentro: Módulo uno

asincrónico titulado: “La vida es un Cabaret”, cuya primer lección escrita lleva el nombre de “la escena gay-lésbica antes del nazismo”. En la misma se proponía una bibliografía obligatoria, y una sugerida, se acompañaba de algunos recursos filmicos para poder entender la época, el antes. Se intentaba señalar las contradicciones existentes durante este largo y convulsionado período. Y se proporcionaba una síntesis de fragmentos del libro “Adiós a Berlín” de Christopher Isherwood, que dado el carácter de non fiction del mismo (Isherwood vivió en Berlín del 1930 al 1939), para a través de algunas preguntas disparadoras abrir un foro de intercambio de ideas con lxs participantes acerca de las impresiones, lecturas y observaciones referidas a la lección y a los fragmentos. El intercambio de esta denominada: Actividad de síntesis 1, fue de mucho interés y de una construcción colectiva y colaborativa. Los coordinadores, Kaplan y Román, intervinieron en algunas ocasiones para orientar el debate e intercambio y aportar elementos a destacar.

El encuentro siguiente, el tercero, correspondiente al Segundo Módulo asincrónico, se denominó: “Un Amor para ocultar”, basado en una película que sería parte de la propuesta del mismo módulo. La lección que lo acompañaba denominada: “La vida LGBTIQ+ durante el Holocausto” abordaría cronológicamente lo sucedido con el colectivo, algunos antecedentes y el tratamiento — a través de testimonios- del mismo. Se aportó, también, en esta ocasión material de consulta obligatoria y otro sugerida; testimonios extractados del libro “Branded by the Pink Triangle” de K. Setterington traducidos por los coordinadores, grabados del artista gay — que estuvo en los campos — Richard Grune y algunos fragmentos de videos. La Actividad de síntesis 2 de este módulo consistía en elegir una de tres películas de ficción (“Bent”, “Un amor para ocultar, o Aimée y Jaguar”) y realizar un comentario teniendo en cuenta “el durante” y algunas categorías de análisis propuestas, la idea no era narrar la historia, sino analizarla con las categorías propuestas en el módulo anterior y este, y en su caso

investigar más. El desafío, también consistía en que debían hacerlo con una cantidad limitada de palabras. Las producciones debían ser individuales y originales. El grupo realizó producciones muy interesantes, las cuales se subieron al aula virtual, en muchos casos con un atinado análisis histórico y apropiado del Holocausto, y en muchos aportando cuestiones propias de la perspectiva de género planteada.

El cuarto encuentro (también asincrónico) se denominó “Pride” (Orgullo) haciendo alusión a una interesante película británica de reciente data y al concepto que deseábamos trabajar en este Tercer módulo autogestionado. La lección que lo presidió se titulaba “La vida LGBTIQ+ después del Holocausto” y contenía al igual que los otros material de apoyo obligatorio y sugerido. Varios videos de activistas argentinos, actuales y de la década del ochenta (Carlos Jáuregui, Susy Shock y Lohana Berkins), fragmentos de las películas “Un puto inolvidable” y “Sexo y Revolución”. La idea era con todo ese material abordado, aportar una nota en un padlet que invitaba a los cursantes a manifestarse acerca de la realidad actual del colectivo LGBTIQ+ desde sus miradas, perspectivas y lugares de práctica. Fue muy interesante ver el diálogo y producción colectiva y colaborativa que se fue armando en el padlet que tenía de fondo una bandera multicolor del día de la sanción de la ley de Matrimonio Igualitario en la Argentina, frente al Congreso Nacional. La idea era ver cómo había impactado el recorrido en lxs educadores participantes del seminario. Luego de ello se linkeaba con la Actividad Final del curso.

La Actividad Final del seminario consistía en realizar una propuesta áulica o institucional que pusiera en juego lo referente al Holocausto y a su mirada desde la perspectiva de género (E.S.I). La misma podía ser a través de un soporte estático (afiche o cartelera), una propuesta para un curso, aula, espacio curricular, etc.; o institucional. O una propuesta que utilizara algún formato virtual, se podía recurrir a algunos de los propuestos durante la cursada. Si bien el trabajo fue pensado individualmente, hubo el pedido de cuatro participantes de formar dos grupos

de dos, el resto trabajaron en forma personal. Dado que los campos de aplicación de los educadores eran diferentes: educación formal y no formal, educación en escuelas comunitarias o comunes, diferentes niveles (primario, medio, secundario, etc.), entre otras. Las formaciones, también, eran dispares. Por lo cual las propuestas variaron desde una visita guiada al Parque de la Diversidad con un guión basado en los textos y recorridos propuestos. Una propuesta de un seminario universitario. Una de una secuencia áulica de aproximadamente tres o cuatro encuentros con producción final. O de una jornada institucional dentro de las Jornadas de Educación Sexual Integral obligatorias en Argentina. Todxs los participantes presentaron sus propuestas y recibieron las devoluciones y las calificaciones por el campus.

Finalmente, el quinto y último encuentro, sincrónico por Zoom; sirvió para conectar nuevamente con el grupo. Aclarar cuestiones, compartir devoluciones e inquietudes. Y cerrar el recorrido con dos actividades: la presentación de dos figuras emblemáticas y un recorrido a los memoriales existentes en el mundo a modo de bonus track. En lo referente a las dos figuras elegidas: fueron Magnus Hirschfeld y Gad (Gehrad) Beck, ambos judíos y gays; el primero por su prestigiosa trayectoria académica que puso en agenda temas que se tratarían mucho tiempo después; y en el caso de Beck su militancia sionista, su amor adolescente y su vida posterior al Holocausto. En el recorrido de los memoriales a través de un ppt con imágenes, se reparó en los lugares de instalación, las visibilidades o no, el impacto con el entorno, las fechas de edificación de los mismos. La lentitud de Alemania de aceptarlos, los debates. Los lugares remotos y sus historias (E.E.U.U., Australia, Uruguay, Argentina). La visibilización de lo invisible, restituir voz a los que la acallaron durante años. Finalizó el primer encuentro con el testimonio fílmico de Heinz F (“Parágrafo 175”) y su incapacidad de hablar y su vergüenza. Repensando, entonces, el concepto de vergüenza y resignificándolo por el de orgullo. Y- una vez más- apelando a la justicia erótica o justicia de género (MORGADE; RUBIN).

CÓMO CONTINUAR...

Durante el 2021, además de haber presentado el proyecto ante lxs colegas de cohorte en Morei Morim, y ante Yad Vashem (ambas instancia por vía virtual); Kaplan y Román han dictado seminarios en diferentes instituciones: para el sindicato docente AMSAFE de Rosario, Provincia de Santa Fe, Argentina, siete encuentros virtuales (tres sincrónicos y cuatro asincrónicos), durante el primer semestre por casi dos meses. Seminario para el ex Centro de detención clandestino la Escuelita de Famailla, Provincia de Tucumán, Argentina, hoy en día espacio para la Memoria y Promoción de Derechos Humanos: un seminario de seis encuentros virtuales (dos sincrónicos y cuatro asincrónicos) durante el segundo semestre. Y un seminario de capacitación docente dentro de la Escuela de Maestros, centro de capacitación docente de la ciudad de Buenos Aires, Argentina: nueve encuentros virtuales (cuatro sincrónicos y cinco asincrónicos), duración dos meses. También, durante el segundo semestre. En todos los casos con reconocimiento y otorgamiento de puntaje docente en cada jurisdicción. Han participado, además, de la Semana del Orgullo del Museu do Holocausto de Curitiba, habilitando un aula virtual sobre lo sucedido con el colectivo LGBTIQ+ durante el Holocausto, que fue transmitida por el Facebook de la institución.

En la actualidad ambos se encuentran trabajando en la idea de elaborar contenidos educativos al respecto y reunir el material disperso en un material único que pueda servir de propuesta y motivador a educadores en general, tanto del sistema formal como informal, comunitarios o no, y de diferentes niveles del sistema educativo. Pensando, también, en generar un espacio memorial en la ciudad en la que ambos viven: Buenos Aires, Argentina.

BIBLIOGRAFÍA, FILMOGRAFÍA Y OTROS CONSULTADA

A LOVE TO HIDE (AN AMOUR A TAIRE). Direção: Christian Faure, 2005.

AIMÈE Y JAGUAR. Direção: Max Färberböck, 1999.

BECK, G. *An underground life: memoir of a gay jew in nazi Berlin*. University of Wisconsin Press, 2000.

BENT. Dirección: Sean Mathias, 1997.

BUTLER, J. *El género en disputa*. Paidós, Buenos Aires, 2018.

CABARET. Dirección: Bob Fosse, 1972.

DIFERENTE A LOS DEMÁS (ANDERS ALS DIE ANDERN). Dirección: Richard Oswald protagonizada por Conrad Veidt estrella del cine mudo alemán, 1919.

DIJK, L. van. *Damned Strong Love: The True Story of Willi G. and Stefan K.* Henry Holt & Co., 1995.

EL PUTO INOLVIDABLE. Dirección: Lucas Santa Ana, 2018.

EL TRIÁNGULO ROSA Y LA CURA NAZI DE LA HOMOSEXUALIDAD. Dirección: Nacho Steimberg y Esteban Jasper, 2014.

FOUCAULT, M. *Historia de la Sexualidad*. Tomo 1. *La voluntad del saber*. Siglo XXI Editores México-varias ediciones.

GRAU, G.; SHOPPMANN, C. *Hidden Holocaust Gay & Lesbian persecution in Germany 1933-1945*. Routledge, 1995.

HEGER, H. *Los hombres del triángulo rosa, memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis*. Editorial Madreselva, Bs. As. 2019.

ISHERWOOD, C. *Adiós a Berlín*. Editorial Acanalado, Barcelona, 2014.

MORGADE, G. (coord.), *Educación Sexual Integral con perspectiva de género*. Colección La Lupa ESI. HomoSapiens, 2016.

MORGADE, G. *Toda Educación es Sexual*. La crujía, 2011.

MORGADE, G.; ALONSO, G. *Cuerpos y sexualidades en la escuela, de la normalidad a la disidencia*. Paidós, 2008.

PARÁGRAFO 175. Dirección: Rob Epstein y Jeffrey Friedman, 2000.

PERLONGHER, N. *La Prostitución Masculina*. Ediciones la Urraca, Buenos Aires, 1993.

PLANT, R. *The Pink Triangle, the nazi war against homosexuals* — Holt paperbacks, 1988.

PRECIADO, P. *Manifiesto Contrasexual*. Anagrama, Barcelona, 2000.

PRIDE (ORGULLO Y ESPERANZA). Dirección: Sunnu Gonera, 2007.

RUBIN, G. En el crepúsculo del brillo: La teoría como justicia erótica. Bocavulvaria Ediciones, 2018, Córdoba, Argentina.

SCHWAB, J.-L. Rudolf Brazda, itinerario de un triángulo rosa (el último superviviente deportado por homosexual. Alianza Editorial, Madrid 2011.

SEDGWICK, E. K. Epistemología del Armario. Ediciones de la Tempestad, Barcelona, 1998.

SEEL, P.; BITOUX, J. Le. Pierre Seel, deportado homosexual. Ediciones Bellaterra, Barcelona, 2001.

SETTERINGTON, K. Branded by the Pink Triangle. Second Story Press, Toronto, 2013.

SEXO Y REVOLUCIÓN. Direção: Ernesto Ardito, 2020.

SHOPPMANN, C. Days of Masquerade- Life Stories of Lesbians during the Third Reich. Columbia University Press, 1996.

WHISNANT, C. J. Queer Identities and Politics in Germany. A history 1880-1945. Harrington Park Press, New York, 2016.

WITTIG, M. El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Editorial Sudacuir, Buenos Aires, 2019.



A MEMÓRIA DA PERSEGUIÇÃO AOS HOMOSSEXUAIS PELO REGIME NAZISTA

Matheus Scandoleira Marques (PUCRS)

A construção da identidade coletiva se baseia na memória dessa coletividade e da sociedade como um todo. Apesar de não se basear em um rigor científico, a memória traduz o sentimento e a individualidade da experiência de pessoas reais, a vivência de suas experiências passando por períodos históricos, e dando a possibilidade de contextualizá-los, além de ter a capacidade de construir a identidade dessa mesma coletividade.

No presente estudo, dedicamo-nos a estudar especificamente a perseguição dos homossexuais na Alemanha Nazista. Entre as demais minorias perseguidas, os homossexuais sofreram restrições criminais, retaliações policiais e aprisionamentos, visto o estigma social sob o qual viviam. Podemos verificar, ainda, que o estigma que os aprisionava era real tanto fora como dentro do campo de concentração, para onde acabam sendo enviados por força de legislação criminal e serviam penas juntamente com os demais condenados, dos quais eram diferenciados pela identificação obrigatória, e pela qual eram tratados diferentemente de forma vexatória e inferior.

Por mais desprezíveis que nos pareçam as razões pelas quais ocorreu essa perseguição, ela se perpetrou ao longo de todo o regime nazista, e, surpreendentemente, mesmo após a sua queda, sendo a lei criminal que lhe servia de base mantida tanto pelo regime da Alemanha Oriental como da Alemanha Ocidental, sendo revogada apenas anos depois.

Além das análises históricas que se apresentam, buscamos trazer alguns relatos de histórias reais como parte do esforço de recuperar a memória dos homossexuais que vivenciaram esse período da história e essa perseguição.

A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

Inicialmente, cabe destacar o papel da memória na construção da narrativa histórica, apesar de com esta não se confundir. A memória tem papel fundamental por ser a lembrança dos acontecimentos por aqueles que um dia os viveram, uma faculdade do ser pensante, enquanto história é a ciência, tendo métodos, objeto de pesquisa e fontes determinadas. Lembrando, claro, que a memória “não possui o rigor crítico e metodológico da história. Ela é fragmentada, passível de distorções, e pode ser manipulada para atender interesses políticos” (SANTOS, 2018, p. 35).

Ainda assim, como mencionamos, a memória é o elo do vivido entre o presente e o passado, e pode fornecer uma importante fonte para o historiador na construção da história. Contudo, tem também as suas limitações. Obviamente, por serem construções individuais, refletem a importância dada pelo indivíduo aos fatos dos quais se recorda, e vêm carregadas de subjetividades. Levando em consideração essa vulnerabilidade da memória, é importante o diálogo entre história e memória no sentido em que se podem estabelecer relações entre os fatos e a maneira pela qual as pessoas narram essas experiências (AMÂNCIO; PRIORI; IPÓLITO, 2010, pp. 45-54).

Ainda assim, a memória tem papel fundamental na construção da identidade do grupo social e da coletividade à qual pertencemos, destacando os aspectos considerados mais interessantes. As comemorações são um modelo de uso político e social da memória coletiva, “impondo aos indivíduos visões e aspirações comuns que deem coesão a cada grupo ou sociedade. Da mesma forma, a memória individual

também é construída a partir de seleções [...]” (AMÂNCIO; PRIORI; IPÓLITO, 2010, pp. 45-54). Não somente na construção da memória coletiva, como também na construção da memória individual, a memória desempenha um papel importantíssimo, bem como influenciam-se mutuamente.

Podemos citar mesmo o próprio Holocausto, como exemplo, além de outros eventos (como a Guerra Civil Americana, envolvendo uma ideia de martírio), poderiam moldar a memória coletiva, apesar de sua conotação negativa:

Ultimately, there is a contrast between the way a national identity is created around a positive memory, even one of martyrdom — the Confederate soldier, the Masada fighters — as opposed to the memory of a shameful past. The commemorative narratives [...] are invented traditions starkly in counterpoint to the Holocaust story. [...] It is possible for a nation to discipline itself to memory-work that involves acknowledging guilt rather than triumph, and that Germany has to some extent succeeded in doing so. Historians of memory defend this effort, and argue that historians should remain engaged with memory (GROSS, 2009, p. 8).

Desta forma, percebemos a força que o Holocausto representa na formação da memória coletiva, tanto de perseguidos como de não perseguidos. Podemos, nesse sentido, afirmar ainda que “a seleção da memória coletiva permite à comunidade relembrar o que considera importante e esquecer o que lhe constrange” (AMÂNCIO; PRIORI; IPÓLITO, 2010, pp. 45-54). Falando de homossexualidade, podemos verificar claramente o quanto estudo da sua memória é deixado de lado, devido ao grande estigma social que representa, desde o fim da guerra até os dias atuais.

A PERSEGUIÇÃO AOS HOMOSSEXUAIS NO HOLOCAUSTO

Além da perseguição a vários grupos de minorias no contexto do Holocausto (ciganos, deficientes físicos e doentes mentais, testemunhas de Jeová), o regime nazista também estendeu sua discriminação

aos homossexuais, enquanto minoria. Essa perseguição “foi motivada pelo ideal naturalista de não reprodução da espécie humana, ou seja, pela impossibilidade biológica de procriar entre pessoas do mesmo sexo” (SOARES, 2020, p. 166).

Ou seja, uma prática que não gerasse filhos para a raça ariana seria um problema para esse ideal de raça superior, e que gerou uma estigmatização dessa orientação sexual.

O ideal de condenação moral e religiosa da homossexualidade, somados à justificativa de impossibilidade biológica de casais de mesmo sexo de gerarem filhos, que representava um dos objetivos principais do regime nazista, repercutiram na condenação pelo sistema nazista das práticas homossexuais (SOARES, 2020, p. 174).

Essa condenação, contudo, não vinha exclusivamente do nazismo. Como anteriormente mencionado, a homossexualidade já se via condenada pela moral religiosa, e, na esfera prática e criminal, pelo parágrafo 175 do Código Penal do Império Alemão, de 1871: “Unnatural sexual acts (widernatürliche Unzucht) committed between persons of the male sex, or by humans with animals, is punishable with imprisonment; a loss of civil rights may also be sentenced” (PARAGRAPH..., 2021).

Ainda de acordo com a Enciclopédia do Holocausto (PARAGRAPH..., 2021), o texto do artigo era seguido, pelo sistema de justiça criminal, numa interpretação bastante restritiva, com exigência de provas da ocorrência do ato, o que tornava a condenação bastante difícil. Apesar disso, ainda sim existia a previsão do crime, tanto no final do Império Alemão quanto na República de Weimar.

Apesar de os esforços de revisão do Código Penal nesta última, o parágrafo 175 só foi revisitado pelo regime nazista, que mudou o texto do artigo para uma definição mais vaga, permitindo assim uma interpretação mais ampla: “A man who commits sexual acts (Unzucht) with another man, or allows himself to be misused for sexual acts by

a man, will be punished with prison”. Desta maneira, qualquer ato considerado íntimo ou sexual, tais como olhar ou tocar outro homem, eram punidos, aumentando, assim, o número de homens punidos sob esse artigo (PARAGRAPH..., 2021).

Vale ressaltar aqui também a perseguição a lésbicas nesse contexto. A aplicação do parágrafo 175 se dava apenas a homens, e não a mulheres. O nazismo, na realidade nunca criminalizou relações sexuais entre mulheres. Porém, a sua perseguição não foi tão dura com relação às mulheres como com relação aos homens, isso por conta da lógica de reprodução da raça ariana, encorajada pelo regime, como, por exemplo, pelo programa Lebensborn (LESBIANS..., 2021). Além disso, apesar de considerarem-na um desvio,

los Nazis no veían en la homosexualidad femenina un peligro social ni político capaz de amenazar el dominio masculino [...]. La mujer estaba concebida para procrear y no podía tener ninguna desviación sexual porque su única misión era la de aumentar, de manera cuantitativa, la raza aria (RUIZ-OLALDE, 2004, p. 200).

Por outro lado, sobre a identificação obrigatória à qual se deviam submeter os presos no regime, vítima do qual também o foram os judeus e os demais perseguidos, especial identificação tiveram os homossexuais. Deveriam usar uma estrela de cor rosa, na manga esquerda e na perna direita, com uma das pontas mais larga que a estrela vermelha dos presos políticos. Isso tudo para não haver possibilidade de passar por heterossexual (RUIZ-OLALDE, 2004, pp. 200-201). Além disso, ainda no contexto de aprisionamento dos homossexuais, também se deve lembrar que havia entre os presos uma hierarquia, ao final da qual estavam os homossexuais:

Pero ni siquiera los homosexuales tenían la misma categoría. Había una distinción entre los arrestados por el párrafo 175 del Código Penal de Homosexuales. Por un lado estaban los englobados en el «Pink Triangle Inmates» y, por otro, los hombres heterossexuales que tuvieron relaciones

sexuales con otros hombres en los campos. Los pertenecientes al Pink Triangle se sometieron a grandes ridiculizaciones, se les envió a trabajos forzados, se les torturó, se les obligó a dormir de pie, con las luces encendidas, sus manos debían sujetar las mantas con las que se arropaban para no dormir congelados y en muy pocas ocasiones, casi nulas, alcanzaron una posición más elevada dentro del próprio campo. La insolación, la tortura, los experimentos médicos, las peligrosas condiciones de trabajo y la desnutrición fueron las principales causas de muerte entre los homosexuales. Los otros, los clasificados bajo el nombre de «Red or Green Triangle», fueron hombres arrestados por actos políticos o criminales y a los que se les utilizó como objeto sexual por otros hombres. Eran similares a los homosexuales pero que obtuvieron una moderada ventaja sobre otros condenados. [...] Las S.S. se dedicaron a torturar a los homosexuales hasta alcanzar la muerte, les hicieron trabajar hasta la desesperación. Se les disparó por deporte, jugando al tiro al blanco, muchos fueron violados, les dejaron sin alimentos hasta que, sin más, murieron de hambre. Si aguantaban todo esto, se les sometía a experimentos médicos. Uno de éstos consistía en la inyección hormonal con la intención de corregir la homosexualidad y así salvarles de la propagación de la raza. En la jerarquía de los prisioneros, los gays ostentaban el lugar más inferior, lo que se traducía en menor protección y nula asistencia médica. A los homosexuales se les utilizó, por el tipo de prisioneros que eran, como moneda de cambio, constituía la forma más rural de trueque a la hora de hacer deportaciones y, cuando se decidía reducir el número de prisioneros mediante la ejecución, eran ellos los preferidos en la elección (RUIZ-OLALDE, 2004, p. 201).

Se percebe mesmo entre os prisioneiros a reprodução deste preconceito, arraigado na sociedade, advindo, como anteriormente mencionado, da condenação moral e religiosa da homossexualidade.

Após a derrota da Alemanha Nazista na Segunda Guerra Mundial, as Potências aliadas forçaram os alemães a revogar as leis e estatutos nazistas, porém, o parágrafo 175, que havia sido revisitado pelos nazistas, permaneceu em vigor, tanto na República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) quanto na República Democrática da

Alemanha (Alemanha Oriental), embora esta tenha utilizado a versão anterior aos nazistas, enquanto aquela seguiu utilizando a versão de interpretação mais ampla. Impressionantemente, a lei foi seguida mais à risca na Alemanha Ocidental, que entre 1949 e 1969 prendeu 100.000 homens sob o parágrafo 175, que foi extinto quando da unificação alemã em 1994 (PARAGRAPH..., 2021).

Não somente na Alemanha, mas também no restante da sociedade afetada pela guerra, tendo sido este dispositivo utilizado também por outros regimes totalitários alinhados ideologicamente, tais como Itália, Portugal e Espanha, que perseguiram também os homossexuais (SOARES, 2020, p. 183), assim como a França. Após a queda do regime de Vichy, que havia introduzido leis de delitos sexuais que não se haviam visto desde a Revolução Francesa, De Gaulle instituiu um comitê jurídico para a revisão do aparato judicial da Ocupação e de suas leis e atos antisemitas. Revogações de atos antisemitas ocorreram, mas não das leis homofóbicas, que seguiram vigentes (ELÍDIO, 2010).

BUSCA PELA MEMÓRIA DOS HOMOSSEXUAIS PERSEGUIDOS

Como mencionamos, a memória não se confunde com a história, mas é parte fundamental da construção da identidade de grupos e de sociedades. Ainda hoje, podemos dizer que não se construiu plenamente uma identidade LGBTQIA+, justamente pela dificuldade de aceitação pela sociedade. Em pesquisa sobre a visibilidade LGBTTT na Estratégia da Saúde da Família no Piauí, o segundo lugar que mais oferece risco de mortes violentas a pessoas LGBTTT (FERREIRA; BONAN, 2021, p. 1670), podemos ver como ainda não se pode falar em homossexualidade em um âmbito tão básico como o direito à saúde. Obviamente não tem relação com o tema desta pesquisa, mas oferece uma visão sobre a aceitação dos homossexuais pela sociedade na atualidade, analisando o tratamento recebido pelos mesmos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS):

[...] Essas diferenças [dos homossexuais] têm sido apagadas, ocultadas e embarreiradas pelo discurso da normatividade, a favor de uma suposta igualdade, que opera ainda mais nas linhas de discriminações e violências em saúde. Na dimensão relacional, percebeu-se o quanto a revelação da orientação sexual/identidade de gênero é ao mesmo tempo espreitada pelas profissionais de saúde, quando fica no âmbito da suspeita, como também é interdita, quando não se pergunta, não se quer perguntar e nem se registra, seja no âmbito da comunicação com o usuário, seja nas fichas, prontuários e cadastros de trabalho (FERREIRA; BONAN, 2021, p. 1676).

A construção da memória homossexual após a Segunda Guerra Mundial se mostrou uma tarefa difícil, tanto pelo preconceito que ainda existia na sociedade quanto pela contínua existência de punição criminal da homossexualidade. Muitos dos que cumpriam sentenças por violação ao parágrafo 175 continuaram na prisão após a guerra e dezenas de milhares foram condenados no pós-guerra, o que fazia com que muitos dos homossexuais estivessem com medo de compartilhar suas memórias e testemunhos, fazendo com que os acadêmicos buscassem reconstruir suas histórias por documentos policiais, judiciais e de campos de concentração (GAY..., 2021).

Neste sentido, buscamos também contribuir para este esforço, tentando reconstruir essa memória e lembrar todos estes que sofreram e morreram por força do parágrafo 175, que os punia por serem quem eram: “Por um lado, permite restabelecer vínculos com o que foi, e por outro, diante das incertezas de um futuro cada vez menos previsível, possibilita tentar estabelecer uma relação de preservação para as gerações que não são ainda” (FREIXO, 2007, p. 2).

Para tanto, realizaram-se buscas nas principais bibliotecas virtuais sobre o tema do Holocausto, tais como a do Museum of Jewish Heritage de Nova York, Do Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau e da Yad Vashem, porém sem sucesso em encontrar qualquer menção a homossexuais perseguidos, ou mesmo qualquer menção a essas pessoas.

Aqui se deve exceptuar a página do United States Holocaust Memorial Museum, que dedicou ao tema uma exposição exclusiva (UNITED..., 2021), e traz diversos fatos sobre essa perseguição, incluindo alguns dos nomes mais famosos, tais como o de Richard Grune, um famoso artista visual do Bauhaus, que foi condenado também com base no parágrafo 175, e enviado ao campo de concentração de Sachsenhausen, posteriormente, transferido a Flossenbürg, e que felizmente conseguiu escapar à perseguição.

Além disso, também promoveram, no ano de 2020, como comemoração ao mês do Orgulho LGBTQIA+, um evento online para a visibilidade justamente sobre esse tema, a perseguição nazista aos homossexuais (PRIDE..., 2020). O evento abordou, amplamente falando, todos os temas abordados neste estudo, e para o qual também serviu de base, e que demonstra que o tema não se deixa esquecer, mesmo com todo o preconceito.

Além do estudo, parte da construção da memória é compartilhar histórias reais de pessoas que viveram esse período e que sobreviveram essa barbárie e perseguição infundadas. Lembramos as histórias de Magnus Hirschfeld e de Pierre Seel neste estudo, a título exemplificativo, sem esquecer dos milhares de homens que morreram por simplesmente serem quem eram.

Magnus Hirschfeld foi um dos fundadores do Instituto de Sexologia de Berlim, e um dos primeiros a pesquisar sobre LGBTs. Durante a Primeira Guerra, advogou pela revogação do parágrafo 175, e conseguiu mais de 50.000 assinaturas, entre as de Albert Einstein, Thomas Mann e Hermann Hesse. Foi médico e pioneiro em cirurgias de readequação sexual, e ali realizou a primeira da história. Porém, foi perseguido pelo regime nazista, permanecendo o máximo possível na Alemanha, sendo forçado a exilar-se na França (VALENTE, 2019).

Pierre Seel começa contando o porquê de seu testemunho: decide contar sua história quando escuta do bispo de Estrasburgo que a homossexualidade é uma enfermidade, e decide então contar sua história

para proteger o futuro, numa carta aberta ao monsenhor Elchinger. Narra sobre o estigma que sofria dentro do campo, que já comentamos anteriormente, uma falta de solidariedade por parte dos outros presos do campo, a sensação de não fazer parte de nenhuma das redes de solidariedade entre os presos (ELÍDIO, 2010).

Ele também narra a ausência de solidariedade entre os próprios homossexuais, pela grande diversidade de suas origens (diversas nacionalidades, várias faixas etárias etc.), diferente do que ocorria com os outros presos, que tinham um traço em comum que os unia. Essa desunião levou o narrador a isolar-se em si mesmo, tanto por não poder contar com ninguém, como também pela vergonha da própria sexualidade, e ansioso de não passar a ninguém nenhum traço da mesma, e nenhum sinal de desejo sexual (ELÍDIO, 2010).

Conta, enfim, sobre a libertação do campo, a apreensão de chegar à casa e todos saberem de sua homossexualidade, de já estar espalhada por toda a cidade, o medo da reação dos pais, se o acolheriam ou o expulsariam de casa, sua insegurança e medo. A recepção ocorre com um presente de acolhida, e o silêncio sobre a prisão, o silêncio sobre a homossexualidade, e o pai deixando claro que não se deveria falar mais nada sobre o assunto (ELÍDIO, 2010).

Após essa ordem do pai, ninguém mais rompeu o silêncio. O próprio Seel não se atreveu a fazê-lo, temendo a expulsão. Menciona o sentimento de sentir-se um estrangeiro em sua casa, justamente por ser o diferente, e também o sentia na esfera pública, onde o mesmo silêncio se reproduzia. Seel menciona os outros homossexuais que retornaram e continuaram também em silêncio como se nada houvera passado (ELÍDIO, 2010).

Contudo, há que recordar que havia ainda leis proibindo a homossexualidade, e que por medo a retaliações judiciais tanto ele como os demais homossexuais não se manifestavam, e por isso Seel também se calava e se isolava, por medo a violências que poderiam ocorrer-lhe. Também menciona sobre o fim do silêncio com sua mãe, o único

membro de sua família com o qual consegue se abrir, e contar todas as torturas pelas quais passou no campo de concentração, assunto sobre o qual somente falaria anos depois à revista homossexual francesa *Masques*. Menciona como foi tranquilizante e trouxe um novo respeito à sua identidade, fazendo-lhe bem, e ajudando-nos a construir também a nossa identidade como coletividade (ELÍDIO, 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, S. M.; PRIORI, A.; IPÓLITO, V. K. Memória individual, memória coletiva. In: PRIORI, Angelo (org.). Introdução aos estudos históricos. Maringá: Eduem, 2010.

ELÍDIO, T. Nazismo e Homossexualidade: O testemunho de um dos esquecidos da História. Dossiê “Escritas da Violência II”, Santa Maria, v. 2, 2010. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie03/art_18.php. Acesso em: 09 set. 2021.

FERREIRA, B. de O.; BONAN, C. Cadê as populações LGBTTT na Estratégia Saúde da Família? Narrativas de profissionais de saúde em Teresina, Piauí, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 5, maio/2021, pp. 1669-1678.

FREIXO, A. de L. Entre musas e paradigmas: memória, historiografia e a produção de conhecimento sobre o passado. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História — História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

GAY men under the Nazi Regime. In: Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/gay-men-under-the-nazi-regime>. Acesso em: 08 set. 2021.

GROSS, A. J. The Constitution of History and Memory. USC Legal Studies Research Paper, Los Angeles, n. 09-15, pp. 1-54, maio 2009. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=1403004>. Acesso em: 01 set. 2021.

LESBIANS under the Nazi Regime. In: Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/lesbians-under-the-nazi-regime>. Acesso em: 08 set. 2021.

PARAGRAPH 175 and the Nazi campaign against Homosexuality. In: Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/>

article/paragraph-175-and-the-nazi-campaign-against-homosexuality. Acesso em: 08 set. 2021.

PRIDE Month: The Nazi Persecution of Gay People. Washington: United States Holocaust Memorial Museum, 03 jun. 2020. 1 vídeo (33min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hiOz14jh7k>. Acesso em: 10 set. 2021. Participação de Edna Friedberg e Jake Newsome.

RUIZ-OLALDE, P. M. La historia olvidada del Nazismo: los homosexuales durante el Holocausto. *Educació i Cultura*, Palma de Mallorca, n. 17, pp. 195-210. p. 200.

SANTOS, C. R. dos. O Revival dos Anos 80: Música, nostalgia e memória. 2018. 275 p. Tese — Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SOARES, D. V. A discriminação à homossexualidade na história do Totalitarismo Nazista: Os Triângulos Rosas esquecidos dos campos de concentração e trabalhos forçados. *Revista Pensamento Jurídico: São Paulo*, v. 14, n. 3, ago./dez. 2020, pp. 163-199.

UNITED States Holocaust Memorial Museum. Nazi Persecution of Homosexuals: 1933-1945. Disponível em: <https://www.ushmm.org/exhibition/persecution-of-homosexuals/>. Acesso em: 10 set. 2021.

VALENTE, A. Magnus Hirschfeld, o médico gay e judeu que defendia LGBTs do Nazismo. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2019/04/12/magnus-hirschfeld-o-medico-gay-e-judeu-que-defendia-lgbts-do-nazismo/>. Acesso em: 10 set. 2021.